

Discurso do Presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do Foro Consultivo de Municípios, Estados, Províncias e Departamentos do Mercosul

Rio de Janeiro-RJ, 18 de janeiro de 2007

Eu quero cumprimentar o governador Sérgio Cabral,

Quero cumprimentar o nosso amigo Carlos Chacho, presidente da comissão de representantes permanentes do Mercosul,

Quero cumprimentar os ministros que me acompanham nesta viagem,

Quero cumprimentar os governadores de estados que estão aí, a leda, o Binho, o Requião, o Blairo, Eduardo Campos e o Jaques Wagner,

Quero cumprimentar os nossos companheiros e a Ana Júlia porque ela fica conversando muito com o Jaques Wagner,

Quero cumprimentar os nossos companheiros do Mercosul,

Cumprimentar a imprensa, os prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar os técnicos que vão trabalhar depois que nós terminarmos os nossos discursos, aqueles que nós chamamos de burocratas, mas sem eles nós não seríamos muita coisa.

Quero começar citando duas deficiências nesta reunião: a primeira é que é uma ingratidão trazer tanta gente de fora para o Rio de Janeiro, num tempo em que o sol não está apetitoso para o pessoal ir à praia mas, ao mesmo tempo, é importante porque se tivesse sol, o plenário teria a metade das pessoas que tem aqui, porque ninguém iria recusar uma bela praia.

A segunda coisa é a data da reunião, este ano nós temos o Carnaval no dia 20 de fevereiro e teria sido uma boa idéia convocar esta reunião para sexta-feira de Carnaval e depois os nossos convidados conhecerem um pouco do Carnaval do Rio, da Bahia, de Pernambuco. Tem Carnaval no Paraná Requião? Do Paraná, do Acre, tem Carnaval no Acre, Binho? No Rio Grande do Sul, no Mato Grosso, no Pará, porque, na verdade, o Carnaval para nós é

mais do que uma paixão nacional, é uma necessidade da gente continuar bem o ano inteiro depois do Carnaval. E quero dizer para vocês, companheiros e companheiras que participam deste encontro, que a nossa América do Sul e a nossa América Latina, aos poucos, estão mudando.

Muitas vezes, em conversas com companheiros presidentes, com parlamentares, eu ouço as pessoas, inquietas, achando que as coisas andam mais lentamente do que deveriam andar. Eu sempre tento explicar que nós não podemos ficar discutindo apenas o futuro, o horizonte que nós queremos alcançar, se nós não partirmos do horizonte em que a gente estava antes.

Qual era o patamar que nós tínhamos na política na América do Sul e o que aconteceu nesses últimos 10 anos, ou melhor, nos últimos seis anos na América do Sul? Houve uma mudança substancial na qualidade dos compromissos nacionais, na qualidade da defesa dos interesses da soberania de cada país, mas, sobretudo na qualidade dos compromissos sociais que os novos governantes do Mercosul e da América do Sul têm assumido ao longo desses últimos anos.

Muitas vezes somos vítimas da nossa própria incompreensão, porque temos angústia, porque temos pressa e as coisas, em nível internacional, muitas vezes acontecem mais lentamente do que acontecem na nossa política interna. Quando vocês estão criando, dando vida a uma coisa criada em Ouro Preto, em 2004, com o Foro Consultivo envolvendo os municípios, os estados, departamentos e províncias, depois de termos lançado a idéia do Parlamento do Mercosul e constituído o Parlamento do Mercosul, nós temos que ter a certeza de que nós estamos dando os passos certos, na hora certa, para que as coisas aconteçam num futuro muito mais próximo do que alguns de nós imaginam que possa acontecer.

Vocês sabem que a luta pela integração da América Latina e da América do Sul é uma luta de vários séculos. Quantos e quantos livros não foram publicados sobre a integração da América do Sul e da América Latina? Quantos e quantos filmes, quantos e quantos documentários, quantos e

quantos políticos morreram, acreditando que era possível formular a integração da América do Sul. Nós temos que olhar o que aconteceu no século XX, no século XIX, no século XVIII, para que a gente possa não repetir, no século XXI, os mesmos erros que foram cometidos no passado, tirarmos proveito das coisas certas que foram feitas em outros séculos, para que a gente possa transformar o século XXI no verdadeiro século da integração do nosso Continente. Não é uma tarefa fácil. Se na nossa política interna nós temos problemas na relação dentro dos partidos, se na nossa política interna nós temos problemas na relação dentro do Congresso Nacional, nos estados, nos municípios, imaginem, em nível nacional, a dificuldade que é você estabelecer um acordo até implementá-lo.

Eu conto sempre a história do avião do Senegal porque ela é própria para a gente repetir, sempre que possível, para mostrar a dificuldade. Eu era recém-eleito presidente da República, quando recebi um telefonema do Presidente do Senegal, e ele me pediu um avião para que pudesse fazer combate aos gafanhotos que estavam acabando com a plantação de milho do Estado. Eu achei uma coisa nobre e fantástica o pedido, porque não o conhecia e ele também não me conhecia, e achei que muito mais nobre ainda seria a minha disposição de atendê-lo imediatamente. De pronto, eu disse ao presidente Wade: fique tranquilo que nós vamos mandar um avião. Esse avião demorou seis meses para chegar lá, os gafanhotos já tinham comido todo o milho dele, e nós tivemos que passar pelo Congresso Nacional para que fosse aprovado porque o Estado não dispõe de nenhum recurso para fazer essas coisas imediatamente. Se nós quisermos agilizar as nossas relações internacionais, os Estados – com a compreensão dos Congressos de cada país – vão ter que compreender que tem que ter mecanismo de mobilidade e facilidade para que você possa atender, em caráter emergencial, coisas que não podem esperar.

Eu agora, por exemplo, estou com o Presidente da África – esqueci o nome, agora – que está precisando de uma termelétrica porque está faltando

energia quase todos os dias lá, e nós estamos decididos a mandar. Mas para mandar a termelétrica é um trabalho insano de aprovação de mecanismos, que eu não sei se quando chegar lá, ele ainda vai estar precisando de energia elétrica.

Eu estou dizendo isso porque a constituição do Foro vai exigir de cada prefeito, de cada governador, de cada pessoa que tenha mandato, seja ele político ou sindical, no nosso Continente, ter a compreensão de que a nossa integração, de fato e de direito, só se dará se tiver a nossa disposição política de compreender que somos diferentes, que vivemos em estados e países diferentes, que temos realidades diferentes e que precisamos aceitar o parceiro como ele é, e não tentar fazer o parceiro ser como a gente é, porque aí não dá certo.

Eu digo sempre que o importante do casamento é que a gente casa com um diferente. É por isso que ele é maravilhoso. Na política não é diferente. Na política, se nós não compreendermos que temos problemas em cada Estado nacional, que os problemas do Paraguai podem ser diferentes dos do Uruguai, que é diferente da Bolívia, que é diferente da Argentina, que é diferente do Brasil, que é diferente da Venezuela, que é diferente da Colômbia, que é diferente da Nicarágua, se nós não compreendermos e entendermos que tudo tem que ser feito da forma uniforme para todos os países, não compreendermos as assimetrias entre nós, nós estaremos fadados, à cada reunião, a voltarmos para casa frustrados porque as coisas não aconteceram. E para as coisas acontecerem, nós temos que mudar muito.

Como é possível falar em integração da América do Sul sem que a gente tenha as pontes necessárias, as estradas necessárias, a energia necessária, a telecomunicação necessária, a integração aérea necessária? Porque hoje, você sabe que uma pessoa para sair do Equador e vir ao Brasil, muitas vezes tem que ir a Miami. E alguém do Brasil ou da Argentina, para ir à Nigéria, vai ter que ir a Londres antes. E mesmo entre nós, há uma debilidade na integração, por quê? Por que todos nós fomos repúblicas colonizadas e todos

nós tivemos a nossa cabeça voltada, num primeiro momento, para a Europa, e num segundo momento, para os Estados Unidos. Nós não pensávamos em nós, pelo contrário, nós nos víamos como inimigos.

Até pouco tempo, certamente a Argentina era considerada por outros países como uma ameaça imperialista, certamente o Brasil, em muitos momentos, foi considerado imperialista. Eu me lembro de um presidente que já não é mais presidente, que quando eu ganhei as eleições em 2002, ao me visitar, ele disse: “presidente Lula, eu passei 50 anos acreditando que o Brasil era uma ameaça para a Bolívia, e dediquei 20 anos a acreditar que os Estados Unidos da América do Norte iriam salvar a Bolívia. Agora, presidente Lula, eu quero dedicar esses quatro anos a acreditar que o Brasil pode ser melhor para a Bolívia do que foram os Estados Unidos”. Essa é uma verdade que está incutida na cultura do nosso povo ou de uma parcela do nosso povo. Tem gente da nossa diplomacia que diz claramente: “não, a Argentina é um perigo”, tem gente da Argentina que diz: “o Brasil é um perigo”, tem gente do Uruguai que diz: “o Brasil é um perigo, a Argentina é um perigo”, tem gente da Argentina que diz que o Uruguai é que é um perigo, e assim vai para o Paraguai, vai para a Venezuela quando, na verdade, nós só iremos consolidar a integração neste Continente no dia em que nós percebermos que sozinhos não haverá saída para nenhum país na América do Sul e da América Latina.

Se não acreditarmos nisso, terminaremos, nos não, porque morreremos antes, mas os nossos bisnetos irão chegar ao século XXII em situações iguais. Nós estamos no século XXI, de costas para nós mesmos. Então, o desafio não é pensar apenas na integração econômica, essa os empresários sabem fazer como ninguém, e muitas vezes melhor do que nós. Quando os empresários uruguaios, paraguaios, argentinos, bolivianos, venezuelanos, colombianos, peruanos, equatorianos e chilenos tiverem interesses comerciais no Brasil, eles não vão pedir licença para o governador, nem para o presidente, eles vão lá, conversar diretamente e fazer os negócios.

O que nós precisamos é ter a compreensão de que a integração

comercial é extremamente importante porque ela é que dá vida ao crescimento econômico dos nossos países, ela é que gera emprego, ela é que distribui renda, ela é que leva a empresa, mas nós precisamos, concomitantemente, da integração cultural, da integração política, da integração social.

É por isso que o Foro Social também está criado no Mercosul e não haverá nada disso dando certo, do ponto de vista da nossa relação mais que comercial, se a gente não tiver os parlamentos, latino-americano ou parlamento do Mercosul, nesse primeiro momento, e se não tivermos a compreensão, dentro do Congresso de cada país, de que os acordos internacionais têm que ter uma determinada preferência na votação, porque o acordo internacional às vezes fica na fila do Congresso por quatro ou cinco anos, porque segue o mesmo rito de um processo comum quando, na verdade, é preciso a gente criar instâncias especiais para votar projetos especiais de integração do nosso povo.

Vocês não imaginam como eu estou feliz de estar aqui com vocês, estou feliz porque sou o homem que crê piamente na necessidade da integração. Ao mesmo tempo sou um homem que crê piamente que o Brasil, por ser a maior economia do Continente, também é o país que tem mais responsabilidade nesse processo de integração, junto com a Argentina, junto com a Venezuela e junto com outros países, Paraguai, Uruguai. Mas os dois maiores é que têm mais responsabilidade. Nós é que temos que ser mais generosos, nós é que temos que ter maiores compreensões, mas muitas vezes, também, não podemos ser vítimas de que a desgraça daqueles países dependa dos nossos países.

Integração significa, sobretudo, compreensão da diversidade; integração significa, sobretudo, despojamento, ou seja, eu não quero tudo para mim, eu quero para mim apenas aquilo que eu preciso. Uma outra parte daquilo que eu quero tem que ir para outro. E essa compreensão só vem da maturidade, do crescimento da maturidade humana, só vem da evolução da classe política do nosso Continente. Vira e mexe eu ouço dizer: “é melhor fazer acordo com os

Estados Unidos do que com o Brasil". Se estiver pensando no imediato, até pode ser, para um mês ou para um ano. Mas este Continente já tem muita experiência, muitas frustrações e muitas decepções. Eu tenho muito orgulho de viver neste século, em que um conjunto de dirigentes do nosso Continente tem, efetivamente, compromissos diferentes dos compromissos que foram apontados algum tempo atrás. Compromisso de entender que a integração não pode ser feita por Lula, por Kirchner, por Chávez, por Tabaré, por Nicanor ou por Evo Morales. Nós somos protagonistas porque temos os cargos máximos dos nossos países, mas essa integração só se dará quando o povo for artista principal nesse processo e não coadjuvante, de acompanhar apenas pela imprensa o que nós estamos fazendo.

Esse é o desafio que está colocado para nós, meus caros governadores, meus caros prefeitos, meus caros companheiros secretários e meus companheiros ministros. É um desafio gigantesco, é um desafio que vai precisar de despojamento. Despojamento de interesses pessoais, despojamento até, de vez em quando, de um interesse nacional, para reparti-lo com alguém que precisa um pouco mais do que nós. Não sei se Deus, que nos deu a vida, nos deu essa grandeza para entender que depende só de nós e de mais ninguém. Não depende da Europa, não depende do Japão, não depende da China, não depende dos Estados Unidos, não depende de ninguém, a não ser da nossa coragem, criatividade e competência política.

Sucesso para todos nós.